



# Caiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 404—Preço 1\$00  
5 DE SETEMBRO DE 1959

Redacção e Administração: Casa do Caiato—Paço de Sousa  
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Caiato—Paço de Sousa

## CASAMENTO DO CÂNDIDO E ANA

### Setúba L

**H**OJE é a Festa da Dedicção de um filho nosso àquela que ele julga eleita por Deus para o ajudar na escalada da santidade; e em que recebe da mulher escolhida um dom igual que o responsabiliza para sempre na obra da santificação dela. E este dom recíproco é feito piedosamente aos pés do Altar de Deus e testemunhado alegremente em reunião de Família.

Deveres de ordem superior não me permitem estar em pessoa. Mas nunca a minha presença em espírito foi tão intensa como hoje, ao comungar de longe nesta Festa de Dedicção.

Que o sacrifício conscientemente feito pelos noivos e por mim, mereça em favor das nossas comunidades um enriquecimento nas virtudes da Justiça e da Caridade; e nos dê, a todos nós, um sagrado respeito pela misericórdia de Deus manifestada nos tesouros de dedicação que Ele guarda na alma dos Seus filhos.

★

Em carta recebida há poucos dias, um de vós, falando-me das suas aspirações de amor, citava «a frase de alguém»: sermos um do outro e os dois de Deus.

Fico feliz por ter sido um de vós, providencialmente, a dar-me o tema. E feliz também, porque ele exprime e esgota, em sua simplicidade, todo o programa da vida matrimonial.

#### 1.º — SERMOS UM DO OUTRO

Eu principiei por chamar a esta Festa, de Dedicção. É isto que significa dedicação: despojamento livre e total de uma pessoa para se entregar a outrém.

Aquele sim que a Ana proferiu há pouco significa que ela aceitou a doação que o Cândido lhe fez de si mesmo, doação sem restrições e para sempre. Um sim equivalente disse o Cândido a respeito da Ana. Quer dizer: ele deixou de se possuir para ser posse dela, assim como ela se lhe dedicou de modo a não mais se pertencer, mas sim a ele, até que ele viva.

Tão simples o Sacramento! Por matéria a entrega dos seus corpos; por forma um sim de mútua aceitação. E ei-los: ainda há pouco senhores de si mesmos; agora: um do outro.

Mas, se dedicar-se é esvaziar-se alguém, — ele esvaziou-se nela e ela nele, de modo que os seus corpos, mutuamente entregues e mutuamente aceites, se fundiram em um só, em que ela é o recipiente dele e ele o dela. É o que diz o Evangelho, enfaticamente, depois de explicar o mistério da união do homem e da mulher: «Assim, já não são dois, mas uma só carne».

É a possibilidade mais plena de serem um do outro esta de realizarem a mútua posse em um só.

#### 2.º — ... E OS DOIS DE DEUS

Do que dissemos, poderia pensar-se, talvez, que a fusão dos dois em um só corre o risco de os confundir... De maneira nenhuma! A fusão é só dos corpos. As almas permanecem sempre individuais. E daí... uma só carne com duas almas.

Quem diz almas, diz sujeitos de atribuição e foi por isso que nós dissemos que naquele um só, resultante da união dos dois, ela é o recipiente dele e ele o dela. Quer dizer: ela é sujeito, enquanto

continua na segunda página



Os pedidos agora têm sido o maior cilício! E eu peço a Deus que continuem a ser cilício. Ai de nós se nos habituamos. Se nos insensibilizamos. Têm sido de esmagar. Todos os dias quatro e cinco. E c que mais faz doer é que são todos da mesma marca. Abandonados, embora com os pais vivos—o que é mais doloroso! Se sou impotente para os amparar todos, que o não seja para sofrer a sua situação de abandono! Senhor, faz que eu sofra, em toda a amplitude, a sua sorte!

\*\*\*

Há umas semanas, vieram dois irmãos dos Olhos d'Água. Alguém me pediu e eu fui ver e vi: — O pai é do mar. A mãe foi vítima de doença cancerosa. Uma barraca de latas esburacada; sem soalho, sem camas, sem mesas e sem fogão. Um rancho de filhinhos e uma rapariguinha de quinze anos, a irmã mais velha, a ser mãe dos irmãos. Como eu gostei de ver aquela mãe, tão novinha, e tão cuidadosa com os irmãos! Oh preciosidade! Se houvesse uma casa e alimento, como ela saberia desempenhar bem a missão que lhe coube por herança. Os dois mais velhos tinham já muita rua. Nunca viveram noutra ambiente e por isso «eu não dou conta deles», dizia. Fogem da escola e vão prá galderice.

Como de outra maneira? Como? Eu não me admiro nada se os pobres tiverem todos os defeitos. Como podiam estas crianças ser melhores? A dormir no montão. Sem mais nada a não ser o bafo da mãe. O bafo da mãe era o grande amparo e alimento. Agora faltou e por isso eles o saboreiam ainda melhor.

Ouvi discussão na camarata e fui saber o motivo: — «Este gajo não quer a roupa». Entre soluções abundantes o mais velho justifica: «Nós queremos andar de preto, qu'á minha mãe morreu há poucochinho!» Ó doçura de expressão! Ó riqueza de sentimentos! Os dois são valores. Abre os olhos, ó mundo! e põe-nos nessa mole de crianças abandonadas e encontrarás maravilhas de deslumbrar.

continua na terceira página



# HOMILIA DO CASAMENTO

recebeu (forma do sacramento) a matéria, constituída pela dedicação dele; e é ele o sujeito, quando consideramos a dedicação dela aceite por ele, contida nele.

As almas são, na verdade, criação directa e imediata de Deus. Sopro divino (Spiritum), a alma saiu de Deus para ser lapidada e voltar a Ele cheia de cintilações de brilho, que fazem a sua própria glória na medida em que reflectem e dão testemunho da glória de Deus. As almas são sempre de Deus..., sempre para Deus.

Por isso, não há o perigo de marido e mulher se confundirem, pois sendo, embora, um do outro e uma só carne, eles permanecem dois... e os dois de Deus.

Podemos dizer, portanto, que a dedicação de um ao outro, que os faz ser um do outro, tem a sua razão de ser como instrumento da dedicação final, de valor eterno, dos dois a Deus.

★

Eu queria que todos vós, meus filhos, entendesseis — primeiro vós, Cândido e Ana, e depois todos aqueles que irão ouvindo o chamamento ao santo estado matrimonial — ; queria que entendesseis que o casamento não é uma meta de chegada, uma vida que se arruma, antes é um ponto de partida, uma vida que começa.

Quando o Evangelho nos conta de como Nosso Senhor mandou os Seus discípulos pregar às cidades aonde Ele havia de ir depois, diz que Jesus os mandou dois a dois. E o comentário deste texto evangélico, que o Breviário nos dá a ler, ensina que o Senhor mandou assim, porque não se pode exercer a Caridade senão, pelo menos, entre dois.

Os discípulos haviam sido formados pelo Mestre. Eram agora enviados a dar os seus primeiros frutos, a preparar os caminhos do Senhor —. Eis a sua missão.

Pois bem: o recto e frutuoso cumprimento desta missão santificadora não se alcançaria sem o exercício da Caridade fraterna. E, porque para tal exercício são precisos, pelo menos, dois — ei-los enviados aos pares.

A missão primária e essencial de todo o homem que vem ao mundo é santificar-se: sair de Deus para voltar a Ele portador de glória, — que nada acrescenta à Glória infinita de Deus (apenas A reflecte e dá testemunho dela aos homens), mas dá à própria alma o seu direito de cidadã do Céu.

A santificação não é outra coisa que o crescimento incessante na Caridade. E como o exercício dela não dispensa, pelo menos, dois..., estais a compreender como o Matrimónio é um estado de santificação incomparavelmente superior ao do solteiro não dedicado.

Por isso me atrevi a dizer

atrás que o casamento por ser, afinal, uma dedicação a Deus, através da dedicação mútua dos esposos, é um dos pontos de partida — o mais comum dos pontos de partida — de uma vida que começa.

Eu não posso demorar-vos na pormenorização da mística de santificação matrimonial. Aliás, vós, Cândido e Ana, durante a parte conjunta do vosso retiro preparatório do acto sagrado que agora realizais, meditastes, justamente, alguns pontos concretos de que vos haveis de servir como marido e mulher, para colaborardes, mutuamente, na obra suprema da vossa santificação.

Apenas quis deixar-vos, a vós e a todos os vossos irmãos, uma breve ilustração daquele tema que resume maravilhosamente o perfeito ideal do matrimónio, e que um de vós, providencialmente, me ofereceu: sermos um do outro e os dois de Deus.

Chamo a vossa atenção para a antífona do ofertório da Missa dos Esposos. Ela resume tudo quanto disse. Por isso, deve ser rezada em uníssono por vós dois; e deve constituir, habitualmente, a vossa oração conjugal:

«Em Ti esperei, Senhor; e disse: Tu és o meu Deus; em Tuas mãos entrego o meu destino».

Se esperardes n'Ele, só n'Ele; e n'Ele guardardes todos os dias da vossa vida — podem sobrevir dores e provações... — Nada abalará o vosso amor e a vossa felicidade.

★

E eu não posso terminar sem algumas palavras de referência à «Obra da Rua», a qual, tendo servido de Mãe ao Cândido, desde a sua infância, hoje recebe dele uma filha, que há-de dar mais estabilidade ao apoio que a Mãe-Obra espera dele.

O Cândido foi escolhido para continuador. Escolhemo-lo na convicção de que foi Deus quem o indicou, não porque seja o homem perfeito (como não o é nenhum de nós), mas porque nele fez sementeira de generosidade, capaz de frutificar em dedicação.

Escolhido, ele recebe hoje um grande dote: Uma Tipografia que há-de nascer em suas mãos e crescer por seu esforço, até àquele grau que deva vir a atingir.

Esta linguagem pode parecer um pedacinho materialista, mas o Cândido percebe-lhe o sentido profundo:

«Lhe entregue uma oficina-escola, onde ele há-de esgotar a medida da sua capacidade para fazer dos rapazes que hão-de ir passando, ao longo dos anos, profissionais competentes e conscienciosos, homens de carácter.

Grande dote, entusiasmante missão para quem tiver alma generosa, capaz de entender e de seguir, sem cálculo nem medida, o apelo do divino semeador de dedicação, que, em

verdade, já realizou a sementeira e está atento ao seu germinar e crescer.

Quereis contemplar ânsias de grandeza, na alma de Pai Américo?...

Então escutai a resposta que ele deu em carta de Lourenço Marques, de 20 de Novembro de 1922, ao seu Amigo Senhor Correia Neves, que o convidava a vir trabalhar consigo para o Funchal e lhe perguntava as condições.

«...são estas:

- 1.ª — Quero ter na nova Casa trabalho de certa responsabilidade, não importando a qualidade.
- 2.ª — Quero que Você, já

## DO CÂNDIDO E ANA

não digo garanta, porque isso é impossível, mas que me dê boas probabilidades de fazer da sua nova Casa o futuro da minha vida, sem mais preocupações de pensar em emigrar para terras d'África.

Entende o que eu digo, não é verdade? Não vamos discutir vencimentos. Eu bem sei que no Funchal não se podem pagar os vencimentos de Lourenço Marques e muito menos o meu, o qual, se tomarmos por base o câmbio actual sobe a cinco contos por mês. O que eu pretendo é que Você me pague o suficiente para eu poder viver bem e com conforto, ir ao Continente de vez em quando, fazer o tratamento com as águas de Caldelas, e me garanta muito trabalho, trabalho de vulto e de responsabilidade, que me dê que pensar para assim nós poderemos discutir-lo».

Ânsias de grandeza assente em fundamentos de Humildade: «Quero ter trabalho de certa responsabilidade, não importando a qualidade».

E logo adiante insiste, em manifestação plena de desapego a riquezas: «Não vamos discutir vencimentos. (...) O que eu pretendo é que Você (...) me garanta muito trabalho, trabalho de vulto e de responsabilidade, que me dê que pensar (...)»

Mais de uma vez, nos seus últimos tempos de vida, eu lhe ouvi a mesma confidência: «Sinto-me tão feliz, quando tenho muito que fazer!»

E eu sublinho que o documento é de 1922! Ainda não era Pai Américo! Era um rapaz à volta dos trinta, que apenas queria «o suficiente para poder viver bem e com conforto, ir ao Continente de vez em quando, fazer o tratamento com as águas de Caldelas (...) sem mais preocupações de emigrar para terras de África». Embora nem ele desse

conta, como já era largo o seu ideal!

Vês, Cândido?! Que dote mais apetecível te poderia dar a tua Mãe-Obra da Rua, se tu quiseses afinar o teu coração pelo do Pai que a gerou?!

Ela entrega-te «um trabalho de vulto e de responsabilidade». Confia-te participação na cura das almas que povoam o Santuário que é. E espera de ti, melhor: espera de Deus em teu favor, a Humildade que fará germinar e crescer a generosidade, que Ele já semeou no teu coração.

★

Ora, meus filhos, eu acentuei bem o carácter unitivo do estado matrimonial:

Ele+Ela=1

Donde: a participação íntima, necessária e indispensável da Mulher do nosso rapaz continuador na tarefa grandiosa que lhe entregamos. A tal ponto, que eu não hesitaria em tomar como sinal de reprovação

da escolha de um rapaz para continuador, a persistência dele na escolha de uma mulher sem o nível necessário para aquela participação íntima e indispensável.

E se ele, havendo de se decidir entre os dois amores — ou aquela rapariga; ou a Obra — o faz, decidida, espontânea, veementemente, que divina confirmação da escolha que dele fizéramos!

O nosso rapaz continuador e a sua mulher, portanto, têm de viver em íntima comunhão com a «Obra», sua Mãe. Se é ponto fundamental da nossa espiritualidade viver em pobreza e abandono à Divina Providência, eles não podem animar a vida do seu Lar senão com o mesmo espírito.

A nossa vida tem sido fácil neste aspecto, por graça de Deus; e vós tendes podido manter um nível muito razoável dentro das condições que vos temos oferecido. Mas eu tenho de pedir-vos mais: espírito de pobreza, que vos liberte da tentação de serdes ricos (que, muito provavelmente, ainda menos teríeis oportunidade de o ser em outra situação), mas que pode trazer-vos, nesta posição que ocupais, o veneno da ambição. Remetovos uma vez mais à liberdade de Pai Américo, quando ainda era só Américo, em 1922: «Não vamos discutir vencimentos. Eu bem sei que no Funchal não se podem pagar os vencimentos de Lourenço Marques e muito menos o meu (...) O que eu pretendo é que Você me pague o suficiente para eu poder viver bem e com conforto».

Se Pai Américo encontrava na sua amizade pelo Senhor Correia Neves razões bastantes para deixar o seu ordenado de Lourenço Marques (cinco contos por mês, em 1922!) pelo «suficiente», apenas, «para poder viver bem e com conforto» — que força de amor não deveis vós ter, se sois na verdade escolhidos por Deus, trocando uma improvável perspectiva de vida muito próspe-

ra pela mediania decente e certa que a Obra vos oferece?!

Mas, a sintonização do vosso espírito com a nota dominante da espiritualidade da «Obra» pode levar-vos mais longe. Não é, apenas, abraçarem, felizes, a mediania certa que vos é oferecida. É participarem na aventura da Fé, que é a vida daqueles que «procuram antes de tudo o Reino de Deus e a Sua Justiça», como manda o Evangelho, e esperam que «tudo o mais lhes será dado por acréscimo».

Até hoje a nossa vida sempre tem sido suficiente, por graça de Deus. Mas, se amanhã Ele nos quiser provar com privações, vós haveis de estar prontos para tomar a vossa quota parte nelas e para fazer coro conosco naquele bendito seja Deus, que é sempre o grido de louvor devido, na prosperidade e na desventura.

Vivendo assim, em voluntária e apaixonada intimidade,

a Obra e os lares nascidos dela, as vossas mulheres, queridos rapazes, serão verdadeiramente filhas também, e os vossos filhos nossos filhos. Deus tem-nos dado oportunidade de o provar.

Se não se cultivar conscientemente este espírito de unidade de destinos, em breve a vossa posição de continuadores se converterá na de funcionários. Seria encontrarmos ao fim do esforço da mais plena realização do nosso princípio pedagógico — «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes» — a negação do mesmo princípio.

Os rapazes que ainda agora vos conhecem do vosso tempo de juventude, vão passando. Outros virão, que vos encontram homem de várias idades. Se eles não encontrarem em vós uma característica irradiante de juventude e de fraternidade, que os faça sentir, desde a chegada, e depois compreender, ao longo do tempo, que vós sois interessados, apaixonadamente interessados, na trajectória sempre perfectível da vida de cada um, — eles confundir-vos-ão com funcionários, porque na verdade o sois. Seria a negação. Perder-se-ia para sempre a verdade do «nós cá não temos funcionários; somos a gente que fazemos tudo!»

Recordai esta palavra de Pai Américo: «Sabemos que, pelas riquezas, viria, naturalmente, a cobiça; e por esta a intromissão. Acabariam na Obra os Pelicanos e entrariam os administradores dos bens, em detrimento do bem do Rapaz. É a traça».

Queremo-vos Pelicanos. Se começasse em vós o fim dos Pelicanos, seria a maldição.

★

Creio que deixei bem explícita a importância que atribuímos à escolha e à preparação das vossas esposas, se foste chamado a ser continuador. Não que esgotasse o assunto! Mas fica definida alguma doutrina.

# AUTO-CONSTRUÇÃO



**t**AMBÉM eu sonho construir a minha casa. Tenho feitas, em regime de Auto-terreno, tenho alguns «patacos» para começar mas falta-me o resto. Como e onde consegui-lo? São palavras duma carta, recebida há dias. Outras continuam a chegar no mesmo género. Por intermédio da Auto-Construção? Mas como funciona esta engrenagem, quais são os alicerces, como introduzir-me na mesma para que consiga ter um dia casa própria?»

A Auto-Construção bem quereria poder estender a sua ajuda a casos como este. Por enquanto, não pode ser. Queremos grupos de auto-construtores em número de oito, dez ou doze membros por cada um dos grupos. Onde houver grupos organizados em ordem a construir tantas casas quantos os membros do grupo aí estaremos, se nos fôr possível. Aqui está a grande dificuldade, mas também, ao mesmo tempo, o grande valor da iniciativa. Regra geral os homens são bastante individualistas. A maior parte dos agrupamentos vive do heroísmo persistente de um dos seus elementos. É um presidente, um secretário que fazem viver esta e aquela associação. Esta a tendência geral, mas há que remar contra. Tudo quanto se faça neste sentido há de vir a ser justamente julgado. As possibilidades do indivíduo em ordem à realização dos seus nobres desejos são limitadíssimas. Limitadíssimas. Um homem só, por onde vai por lá torna, diz a sabedoria popular e com muito acerto. Mesmo a família, individualmente considerada, não poderá ir muito longe em muitíssimos casos. Quanto ganha, quanto gasta. Passa um ano, passam cinco anos, passam dez anos, passam vinte e o dinheiro que se ganhou gastou-se todo e mais se houvera. As despesas multiplicaram-se nestes últimos tempos. Não há dinheiro que chegue, dizem os pobres, os remediados e os ricos.

Se tal rapaz não pensa numa casa própria quando tem de-

zasseis, dezoito ou vinte anos jámais o fará. Com a vida muitas vezes vem o pessimismo vem a resignação. Os outros também a não possuem. Ora aqui está. Aqui está. É preciso que em muitas terras se vejam outros que possuem casas

Os outros também construíram as suas casas há-de poder dizer-se amanhã.

Dum Senhor Comendador recebemos 500\$; Lisboa, Rua das Amoreiras, 30\$; Anónimo a repetir a oferta pela segunda vez, 20\$; do Alentejo em vale do correio sem outra explicação além de Auto-construção — Aguiar da Beira, 500\$; um tenente coronel, de Lisboa, que o ano passado deu cem, mandou este ano 200\$.

Toda a correspondência para: Auto-Construção — Aguiar da Beira — Beira Alta.

Padre Fonseca



Há muito que não têm tido notícias dos Pobres do nosso Barredo. Não é que não os tenhamos ido visitar. Tão habituados andam à nossa presença junto deles, que dificilmente nos dispensariam por tanto tempo. E da nossa parte não poderíamos suportar uma ausência tão prolongada.

Aquela manhã de sexta-feira foi toda para eles. Mais ainda, foi o acto principal desse dia.

Como de costume, não fui só. Lá de Vendas Novas, onde pastoreia o seu rebanho com mão de mestre, esteve, entre nós, o Pastor. «Já conheço o Barredo de nome, agora quero vê-lo e senti-lo como de facto é». E assim foi. Outros assuntos o prendiam. O Barredo é que não podia faltar.

Rua da Reboleira, de casas antigas e esguias, a esconder, por detrás das suas paredes, um mar de gente. Doentes, sentados à porta, mendigam o pão de cada dia. O filho mais pequenito também lá está, pois mais facilmente se comovem os corações, na sua nudez e cara de fome. Sua preparação para a vida! Sempre que entra de novo um dos nossos pequenos, lhe faço esta pergunta: «que fazias lá fora?» — Andava a pedir.

Entramos no n.º 56. É preciso ter bom estômago e sobretudo uma grande Fé para não arripiar caminho e voltar atrás. O cheiro nauseabundo diz bem das condições em que crescem e vivem aqueles farraços humanos que por ali moram. Parem, por momentos, as construções de pontes e de centrais eléctricas e dos edificios de fachadas imponentes, agradáveis à vista e levantem-

se casinhas humildes mas airosas onde não falte ao menos o pão de cada dia. Sem aquelas pode viver-se ainda, sem estas não se vive, vegeta-se. E teremos a paz, a paz verdadeira que é «a tranquilidade na ordem».

Vimos a Rosinha da Ribeira. O mesmo queixume de sempre — «tenho passado muito mal de minhas pernas. Esta noite estive quase a morrer». Ela podia estar bem. Mesmo muito bem. O Calvário tinha uma cama reservada e todos os carinhos necessários. Preferiu a sua toca mal-lá companhia dos vizinhos. Tu, que vives e comungas a vida dos Pobres, precisas de ter muita humanidade e Caridade ao tratar dos problemas de cada pobre em particular. Casos como este são vulgares. É um mal muito grande, mesmo muito grande, habituarem-se os Pobres a viver em condições infra-humanas. Depois não reagem porque não acreditam que possam viver melhor. Se se desse o contrário, nem a força da metralha seria capaz de fazer calar a voz da miséria imerecida em que vivem.

Parámos no N.º 2 da Rua de Baixo. A mesma nudez de sempre. Quem toma conta desta família? A avó doente, mais a filha que vai fazendo uns recados quando os há, os filhos ao redor da lareira apagada à hora do meio-dia e um homem que não tem que fazer. Se algum dia fores ao Barredo não escolhas outra hora. Vai ao meio-dia. Mesmo antes do teu almoço, para comungares mais a vida deles. Quando regressares já não comerás sossegado, como nos outros dias.

Estivemos com a Ti Joaqui-

Aqui,

# LISBOA!

**O** Evangelho é de hoje e a sua palavra é eterna. E há coisas que se realizam tanto como o Senhor lá diz que, já habituados ao humano, nos espantam. Aquela palavra «há mais alegria no dar do que em receber» não é uma frase apenas de fundo valor psicológico. Tem um alto valor sobrenatural muito mais verdadeiro. Se não vejamos. Apareceu há meses aqui, uma Senhora de aparência modesta e sem enfeites. Vinha só perguntar aquilo que mais precisávamos. Tinha ouvido dizer que havia necessidades cá por casa e quis ajudar-nos. Ora foi dar à rouparia e a Senhora de lá fez as suas lamentações. Se viera ter comigo, que na maré não estava, havia de ouvi-las maiores. Mas foi à rouparia. Daquela vez não demorou. Voltou no sábado seguinte: sapatos, camisolas, meias, camisas mais bananas, bolachas e milho para os batatas. Mas não ficou por aí! Informou-se do que era preciso trazer no sábado seguinte e todos os sábados vai sabendo do que continuamos a precisar. E todos os sábados vem. Há camisolas para os maiores todos, algumas para os mais pequenos; sapatos e meias para uns poucos; bananas todos os domingos para os batatas. E é que não falha um sábado. Até lhe chamamos agora a «Senhora do sábado». Tem acontecido telefonar a dizer que não pode vir, mas afinal chega a tarde de sábado e aparece. E não fica por aqui. Todas as quinzenas andam os nossos a vender «O Gaiato» por Lisboa. Pois, antes de se fixar um lugar de encontro com eles, andou a correr as ruas à procura de cada um para o levar a uma pastelaria merendar. Não acham que esta dedicação é invulgar? Pois esta Senhora, disse ela mesma, quanto mais dá tanta alegria sente que mais tem vontade de dar. Cumpre-se nela a Palavra do Senhor: «há mais alegria no dar que em receber». E não são os Gaiatos que lhe dão tanta alegria, que esta tem outra fonte. Ela fez da dedicação aos Rapazes uma devoção que a transporta até ao Coração de Jesus. D'Ele a alegria e a insaciedade no dar. A Ele rendemos infinitas graças.

E ao saber que esta Senhora consegue aquelas coisas à custa de horas extraordinárias de trabalho na sua profissão, e que tem tempo para se dedicar ao marido e ao seu Lar, tenho pena de outras pessoas que passam a vida aborrecidas sem ter que fazer.

Ouvi um dia de uma senhora que nos visitava para as suas companheiras:

— E se nós viéssemos cá ajudar na costura?

Era gente de outras vidas e por isso foi só a boca que falou, não o coração. Até hoje não apareceram. Não terá aquela frase do Senhor um avesso verdadeiro para estas?

Pois, «Senhora do sábado», continue a vir, que ainda mais nos enche a sua alegria que os mimos que nos tem trazido. Houvesse ele também um homem da mesma devoção e doutros teres e nós podíamos encarar o problema profissional dos nossos rapazes com segurança.

Temos a carpintaria montada, mas tão lastimosas andam portas e janelas da casa que durante este ano não vejo outra coisa que lá se possa fazer. E ainda é preciso ter com quê!

Chegaram as máquinas da Tipografia. Estão ainda sem instalação eléctrica que espero confiadamente do Senhor Presidente da Câmara de Loures que já para a carpintaria mandou um electricista. Temos a serralharia a funcionar sem máquinas adequadas ao trabalho, e o que podíamos fazer em horas leva dias.

Temos parte da quinta, seca e cheia de ervas porque os nossos bois são incapazes de lavrar de dura que está a terra. E aqui queria eu abrir o coração de esperanças como de sorrisos a boca dos «batatas» quando têm rebuçados ou bolachas da «Senhora do sábado».

Nós temos o Peniche que foi a Paço de Sousa frequentar o Curso de Formação Agrícola e espero daqui a uns anos tê-lo capaz de orientar e explorar os nossos dezoito hectares. Mas que esperança posso dar aos meus rapazes que trabalham no campo? Eles só vêm a enxada e a terra dura que amontoam aos pés! Eu posso ser todo para eles, mas assim não sou nada.

E saber a gente que a África é nossa, e que toda a sua maior riqueza está na terra! E não poder, com os olhos lá ao longe, sonhar sonhos de vida melhor para estes filhos de Portugal! Como não posso ficar de braços cruzados tenho de procurar quem nos ajude e tenho na ideia ir bater às portas de quem pode.

Padre Zé Maria

ninha e prometemos para a próxima levar lençóis lavados. Aqui fica a promessa para que me ajudes a cumpri-la. E mais esta que pede um enxoval para o bebé que está para vir breve. Tenho muitos pedidos deste género. A nenhum disse que não confiado na tua generosidade.

PADRE MANUEL ANTÓNIO

continuação da página um

Hoje entraram os dois no meu escriptorio para me fazer um pedido.

— Se você me dava a missa pela nossa Mãe.

Mais doutrina. Mais amor! Mais doçura!

Eu, sim senhor, é já amanhã.

Quem diz praí dar a Santa Missa? Quem? Como Deus se comunica aos rapazes! Dar. A Missa só pode ser dada. Tudo o que não for isto é negócio. Eles em troca deixam-me que os ame. Dão também. Com Deus só se conjuga o verbo dar, nunca o verbo comprar.

PADRE ACÍLIO

Hoje temos diante de nós o Cândido e a Ana. Ainda não há muitas semanas, eu perguntei ao Cândido:

— Ela está preparada para o serviço e para o amor da Obra?

— Ah! isso está! Ainda é capaz de amar a Obra mais do que eu...

Quem dera!... Guardo esta palavra profundamente feliz.

Que Deus vos abençoe e vos defenda de toda a mesquinhez e banalidade; e vos conserve na pureza das vossas resoluções neste momento.

Convosco, eu rezarei também:

«Em Ti esperei e espero, Senhor. Tu és o nosso Deus. Nas Tuas mãos entrego para sempre a vida destes Nossos filhos».

Caldelas, 31/7/59



# PATRIMONIO

## dos Pobres

# BELÉM

# P

OR notícias que chegam todos os dias, nós sabemos do incremento tomado pelo Patrimônio dos Pobres. Há uma inquietação geral de párocos com suas famílias paroquiais. Se não fosse esta inquietação, o movimento não seria nada do que é. A força vem de cada freguesia fazer do problema da habitação do pobre um problema seu. É uma cruzada cristã.

Começando pelo sul, Alcantarilha, mesmo no fundo do Algarve anda a preparar as primeiras; Vila Nova de Milfontes tem as suas três já prontas; Aldeia Nova de S. Bento anda embaraçada para acabar as doze. Vamos ver se os seus habitantes não querem ficar em pouco. Moura está a acabar mais sete; Reguengos não tem parado, embora haja pessoas já cansadas de dar. As de Setúbal vão já adiantadas; Salvaterra de Magos vai ter um grupo delas em pouco tempo; Parede caminha com mais quatro e vai de bandeira à frente na Costa do Sol. Se dez por cento do que se gasta mal naquela costa fosse a favor de casas para pobres, teríamos resolvido parte do problema da habitação do indigente naquela região e Deus era menos ofendido.

As de Linhó estão a ficar acabadas; S. João das Lampas tem dez quase prontas; Marinha Grande entregou mais duas; Cantanhede do mesmo modo; Ançã vai fazer a primeira; Vila Nova de Miranda do Cervo tem duas em acabamento; Arganil prepara-se para entregar seis; Sinde vai começar duas; Cativelos anda a acabar seis.

Todos estes párocos têm vindo aflitos à procura dos cinco contos por casa que costumamos dar. Alguns têm perdido dias inteiros de viagem e retiraram-se tristes e sem nada e deixam-nos amargurados. Tenho diante de mim cartas a pedir um total de cento e tantos contos e sei da falta que estão a fazer a quem já fez a despesa e não temos para lhes acudir. Temos passado horas de muita aflição nos últimos tempos.

Em Coimbra as casas parecem paradas, mas não estão; são os acabamentos, são as coisas pequeninas. Até eu já ando cansado de subir a encosta. Quem passa não dá pelo movimento. Nesta altura só falta o trabalho de ladrilhador, estocador e pintor. Todo o resto está pronto.

Estamos a aproveitar para habitação a barraca dos materiais e falta depois construir a casa para centro, com sua capela e habitação para as Criaditas dos Pobres.

Estamos também à espera da

luz, da água, dos esgotos e dos arruamentos, trabalhos que a Câmara tomou à sua conta. Temos medo que o inverno se aproxime e encontre as casas por habitar. A nossa vontade é que os pobres tomem conta no fim do verão. Deus queira. Atenção pois, senhores conimbricenses!

Não podemos dizer que seja bem por falta de meios que as coisas estão demoradas. Embora o que tem vindo ande longe de chegar, confiamos que há-de vir a seu tempo. Coimbra tem correspondido muito bem.

Têm vindo presenças grandes. Cinco mil mosaicos cerâmicos para roda-pé de uma fábrica; promessa de mais mosaico, azulejo e louças sanitá-

rias de duas fábricas que já deram muito; mais a casa de S. Joaquim. Já tínhamos a de Santa Ana. Vão ficar juntas para cumprirmos o Evangelho: Não separe o homem o que Deus uniu. Veio mais uma casa do Liceu D. João III; mais dez contos deixados no Castelo para uma casa; a Empresa Vidreira da Fontela deu todo o vidro necessário; material eléctrico duma casa dele; um auto-clismo duma fundição e dois doutra.

Veio uma mobília de sala de jantar. É tão boa que até causa inveja! Ficai todos sabendo que havemos de entregar as casas compostas. E há-de ser de vossa casa.

Padre Horácio



# TRIBUNA DE COIMBRA

*Pelas horas de conversa no seu gabinete já conhecíamos o servir daquele. Homem do Governo. Mas agora as circulares vindas para as instituições relacionadas com o seu ministério trouxeram-nos ainda mais convicções: O Senhor Ministro agradece, mas recusa todas as homenagens pessoais.*

*Mais um homem novo do nosso tempo que ainda se não deixou corromper pela moda em uso: banquetes de homenagem, altas condecorações, grandes mensagens, festas ruidosas. Muito dinheiro gasto e longo tempo desperdiçado. Isto é o fomento da vaidade pessoal e do egoísmo dos nossos dias. E aí daquele que não bata palmas! O homem começa a julgar-se um super-homem.*

*Há acções dignas de louvor; há festas de homenagem de indiscutível justiça. Mas, Santo Deus, tanto incenso gasto com os homens e tão pouca glória para Vós, Senhor e Autor de todo o bem!*

*Nestas homenagens, geralmente não se diz com sinceridade a verdade; os defeitos procuram encobrir-se; as deficiências não se fala nelas. Vive-se assim muito melhor neste ambiente, sem descortinarmos a raiz do mal.*

*Está tão esquecida a missão de servir. Servir. Servir cada um no seu posto. Todo o homem tem na terra a missão de servir.*

*Quanta alegria sentimos por termos Homens, que para conhecer melhor o servir dos seus subordinados, se levantam a qualquer hora da noite e vão ver se tudo está a postos e no seu lugar. Isto não é fiscalizar. É cumprir escrupulosamente o seu dever. Esperamos que este Homem consiga alguma coisa de bom na pasta difícil que lhe foi entregue.*

*Se todos aqueles que estão em postos de comando procurarem servir assim, o nosso povo, sobretudo o nosso povo pobre, não teria razão de queixa.*

*Mas a doutrina mais fácil é cada um servir-se. Servir-se o melhor que pode. Mesmo que outros fiquem de rustos. A nossa sociedade de hoje enferma deste mal.*

*Onde está o princípio evangélico de servir sem outra recompensa a não ser a que dá o Pai Celeste? Apregoa-se hoje*

*tanto a fé dos portugueses e vemos o Evangelho tão esquecido. Dai de graça o que de graça recebestes. Eu não vim para ser servido mas para servir. O maior no Reino dos Céus é o que se faz como uma criança. Se o que fizestes foi com os olhos nos homens já recebeste a vossa recompensa. E os Santos Padres intitulam-se: servo dos servos. Ó verdades esquecidas!*

*Este mal tem atacado todas as classes. Até algum clero. Quanto nos custa ver certos relatórios nos jornais por ocasião de bodas de festa, ou outras homenagens! Vem também o programa religioso, mas a primeira e maior glória irá para Deus?*

Visado pela  
Comissão de Censura



Em 9 de Agosto comungou, à Missa Paroquial, na Igreja dos Terceiros, um grupo de 10 belenitas. Para a maior parte delas, foi esta a sua primeira comunhão.

As lições de catecismo, quase diárias nos dois últimos meses, foram-lhes ministradas pela Rapariga do Porto a que já aqui fiz referência e que pôs nesta preparação das belenitas para a primeira comunhão toda a sua alma.

O nosso Rev. do Pároco, conforme o Evangelho da Missa pedia, fez belas considerações acerca da prática do amor do próximo e aproveitou a oportunidade para apresentar Belém aos Paroquianos, fazendo notar o facto de ser esta a única Obra de assistência a crianças em regime de internato existente na nova Paróquia do Coração de Jesus.

Isto segundo as informações colhidas, que eu tive de ficar em casa, a fazer o almocinho — melhorado já se vê! — pois a missa paroquial foi ao meio dia.

As pequenas foram acompanhadas no acto pela sua Catequista e de tal modo se portaram que fizeram boa propaganda de Belém, segundo opinião da assistência. Graças a Deus!

Eu tinha perguntado, quase a brincar, a algumas pessoas que mais de perto têm acompanhado a Obra e me têm ajudado a levar a Cruz, se queriam vir provar do nosso caldo. Pois, caros leitores, o sim não poderia vir mais pronto se tivesse sido feito um convite em forma! Seis pessoas

*Quanto nos encanta o gesto de tantos sacerdotes que têm impedido homenagens que lhes estão preparadas! São heróis!*

*Tenho diante de mim a carta que Pai Américo mandou a seus padres pelos seus vinte e cinco anos de Sacerdócio: Aplicai por mim o Santo Sacrifício. Fazei-O encarados à Hóstia. Tomai-A por Jesus Vivo e dizei-Lhe coisas vossas.*

*Eu preciso. Ajudai-me. Não se diz nada a ninguém. Não se escreve. Tudo se passa entre nós, como bons companheiros e amigos interessados. Eis também o programa de um Homem grande.*

*Um abraço, Senhor Ministro pelas lições que nos tem dado e continue a trabalhar assim, para bem de Portugal que tanto amamos.*

PADRE HORACIO

— as mais amigas entre as amigas de Belém — apresentaram-se para o almoço, a saborear o nosso caldo e as nossas batatinhas, que acharam deliciosas. Segredos do amor de Deus e do Próximo! E vieram acrescentar à nossa modesta ementa mais dois lindos bolos nevados, o saboroso arroz-doce, queijo, rebuçados, bombons e até flores garridas para alegrar as mesas.

Uma linda festa para as neo-comungantes, e sem preparação nenhuma! Nem faltou o dinheiro para as prendas, que há-de ser convertido em missais, para as que já sabem ler.

Seguiu-se uma tarde cheia de visitas, com fotografias e tudo, em que não faltou a merenda, enviada por uma Senhora da Paróquia.

Belém avança, lentamente, mas pisando sempre terreno firme, na conquista dos corações visienses. Vemos desprezado o que poderia talvez chamar-se propaganda fácil. Preferimos que a Obra vá sendo conhecida pelas obras, para poder ser amada em consequência dessas mesmas obras.

Todo o homem sensato, primeiro vê, depois julga e só em consequência desse julgamento marca uma atitude e orienta a sua acção. Para amar é preciso conhecer, mas só pelo fruto se conhece a árvore, como diz Jesus no Evangelho.

Muita gente na cidade e fora dela tem sido levada ao conhecimento de Belém pela boca ou pela pena dos que vieram, viram e prégaram. Esta propaganda tem valor, sim, e muito!

Quanto aos insensatos, aos que julgam sem conhecimento de causa, ninguém se livra deles, nem os santos, mas os seus julgamentos não podem contar para orientação daqueles que sabem o que querem e porque o querem: Porque querem o que Deus quer.

Em abono da verdade, não quero deixar de dizer que muita gente de Viseu tem sido sacudida por pessoas vindas aqui dos mais variados pontos do País. Algumas têm experimentado sérias dificuldades para conseguirem encontrar Belém, por falta de quem as oriente. E vêm depois manifestar-me o seu espanto por a Obra ser ainda tão pouco conhecida dos Visienses.

Pois eu nada estranho, leitores!

Inês — Belém — Viseu



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES